

### Colocação de clíticos no auto pastoril português

Gabriela Santos Barros  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: gabrielabarro852@gmail.com

Cristiane dos Santos Namiuti  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: cristianenamiuti@uesb.edu.br

899

**Palavras-chave:** Gramática. Português Clássico. Pronomes Clíticos

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho vincula-se a um projeto maior denominado “Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas”, o qual vem sendo desenvolvido no Lapelinc3, e dá continuidade à vertente linguística desse projeto temático, mais especificamente à pesquisa em Sintaxe, em diálogo com a Linguística de Corpus.

Em “A Língua de Gil Vicente” Paul Teyssier (2005) enfatiza a relevância que os diferentes personagens de Gil Vicente têm para a investigação sobre a língua, uma vez que os traços linguísticos dos figurados contribuem para a testagem de inúmeras hipóteses acerca da(s) gramática(s) que subjazem a língua no Português Clássico e sua relação com a variação linguística. Conforme aponta Martins (2011), o teatro vicentino, de maneira geral, apresenta uma alta frequência de ênclise, lançando a hipótese de uma gramática popular distinta da que subjaz os demais textos literários da época. O levantamento de Martins contraria o padrão proclítico encontrado por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) nos demais textos do período.

Namiuti e Cruz (2022) analisaram a variação de ênclise e próclise em dois autos vicentinos, “A Barca do Inferno” e o “Auto da Freira”, e verificaram que as frequências de ênclise e próclise não são afetadas pelo fator social, mas sim pelo fator sintático.

**Realização:**



**Apoio:**



Nesse trabalho será apresentado os resultados da investigação da colocação de clíticos do Auto Pastoril Português, peça teatral que foi representada ao rei D. João III, na cidade de Évora, no natal de 1523.

## **METODOLOGIA**

Para levantamento dos dados, foi utilizada o Corpus Histórico de Português Anotado Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>), o qual disponibiliza uma transcrição fidedigna do teatro de Gil Vicente, inclusive do Auto Pastoril Português, objeto de estudo deste trabalho. Os dados foram extraídos manualmente mediante a leitura da respectiva obra e tabulados em arquivo de tabela Excel. Para a descrição da colocação dos clíticos usamos os seguintes fatores: (1) identificação da fala que atesta o pronome; (2) identificação dos personagens; (3) o tipo de clítico; (4) a colocação pronominal; (5) tipo de oração (contexto sintático); (6) tipo de predicado; (7) modo verbal.

Os contextos sintáticos foram classificados em relação a possibilidade de variação da colocação do pronome átono em:

Contextos categóricos de próclise: Orações subordinadas e orações principais introduzidas por advérbios proclisadores.

Contextos categóricos de ênclise: Orações com o verbo em primeira posição absoluta.

Contextos de Variação I: Orações principais introduzidas por sujeito neutro, adjuntos, advérbios que permitem a variação de objetos fronteados.

Contexto de Variação II: Orações coordenadas introduzidas somente pela conjunção coordenativa e orações principais ou coordenadas introduzidas por oração adjunta.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a pesquisa, foi possível compreender que a colocação de clíticos é uma peça chave para a investigação sobre gramáticas, no sentido gerativista do termo e, especialmente, sobre as gramáticas que existiram na diacronia da língua portuguesa. Com relação ao Português Clássico, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) apontam que a gramática que subjaz os textos da época gerava uma preferência de próclise em contextos

**Realização:**



**Apoio:**



de variação. A fim de verificar se a tendência proclítica pode ser observada no teatro Vicentino, fizemos um levantamento das falas dos personagens que atestaram pronomes clíticos no Auto Pastoril Português.

Verificamos que a próclise é predominante no auto, inclusive nos contextos sintáticos de variação, fato que descarta a hipótese de Martins em relação a existência de uma gramática popular enclítica. Foram atestados no Auto Pastoril 136 dados com clíticos acusativos e dativos de primeira segunda e terceira pessoa nas falas das personagens do auto, sendo 74 em contexto de próclise categórica (ex. 1), 16 em contexto de ênclise categórica (ex. 2), 30 casos de próclise em contexto de variação I (ex. 3), 6 casos de ênclise em contexto de variação I (ex. 4), nenhum caso de próclise em contexto de variação II, 5 casos de ênclise em contexto de variação II (ex. 5).

- (1) Digo que te vás (Caterina)
- (2) Tenho-a eu por façanha (Margarida)
- (2) Eu te esperei à portela (Caterina)
- (3) E ele falava-lhe em al.al. (Inês)
- (4) E dei-te eu a roca (Joane)

Conforme demonstram as tabelas 1 e 2, a próclise é predominante nos contextos de variação I com frequência de 0,83 e a ênclise é predominante no contexto de variação II, com frequência de 1,00.

**TABELA 1: Próclise e ênclise no contexto de variação I**

Posição do Clítico	Ocorrências	Frequência
Próclise	30	0,83
Ênclise	6	0,17
Total	36	

Fonte: elaboração feita pelas autoras.

**TABELA 2: Próclise e ênclise no contexto de variação II**

Posição do Clítico	Ocorrências	Frequência
Próclise	0	0,00
Ênclise	5	1,00
Total	5	

Fonte: elaboração feita pelas autoras.

Realização:



Apoio:



## **CONCLUSÕES**

Os resultados aqui encontrados corroboram a hipótese de Namiuti e Cruz (2023) e Galves (2015), o estudo sugere uma língua popular proclítica com predominância de próclise nos contextos de variação I e favorecimento da ênclise no contexto de variação II, aproximando esta variedade da língua à variedade dos autores portugueses expressa nas obras literárias da época.

902

## **REFERÊNCIAS**

GALVES, Charlotte Marie Chambelland. A ênclise no português clássico. Variação, gramática e uso. In: Cristina Figueiredo; Edivalda Araújo. (Orgs.). Diálogos com Ribeiro. Sobre gramática e história da língua portuguesa. 1ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015, p. 61-77

MARTINS, Ana Maria. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. Estudos de lingüística galega, v. 3, 2011.

NAMIUTI, Cristiane; CRUZ, Raiana Cristina Dias. O estatuto gramatical da sintaxe dos clíticos em dois autos do teatro de Gil Vicente: Competição de Gramáticas ou questões de Interface?. In: Morfologia, Sintaxe e Interfaces (Coleção Linguística em Rede, v.5, ISBN: 978-65-5637-729-2). Campinas: Pontes, 2023, v.5, p. 139-165.

TEYSSIER, Paul. A língua de Gil Vicente. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa, 2005.

**Realização:**



**Apoio:**

